

CLÁUDIO ARAÚJO MACHADO

A ESCRAVIDÃO SEGUNDO A ÓTICA DE JESUS

Uma reflexão a partir da Teologia da Missão
Integral segundo Mateus 20.20-28



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

*A Jesus Cristo, Senhor da minha vida,
e a todos e todas a quem Ele ama.*

Aos meus pais (in memoriam).

À minha amada esposa Emi.

*Às minhas lindas filhas Ana A Beatriz e Rafaela,
a fim de que possam sentir-se inspiradas a viver e lutar,
por uma vida e uma sociedade justas.*

SUMÁRIO

Introdução 9

1. Estudo histórico crítico de Mt 20.20-28	15
1.1 Tradução	18
1.2 Delimitação	19
1.3 Segmentação	21
1.4 Crítica textual	23
1.5 Conclusão da crítica textual	29
1.6 Estruturação	30
1.7 Análise da macroestrutura	32
1.8 Análise lexicográfica – análise sintática	32
1.9 Crítica literária	38
1.10 Paralelismos	39
1.11 Tradição da palavra – ditos “eu”	40
1.12 Contexto vital (<i>Sitz-im-Leben</i>)	40
1.13 Crítica da tradição	42
1.14 Crítica da redação	44
1.15 Análises dos contextos menor, maior e integral	46
1.16 Análise conclusiva da narrativa de Mt 20.20-28	47

2. Análise histórico-teológica de Mt 20.20-28	49
2.1 Conceito de escravo e de escravidão na Palestina do tempo de Jesus	49
2.2 A legislação sobre a escravidão e os escravos em Israel	50
2.3 Um olhar sobre o ambiente social na Palestina nos tempos de Jesus	53
2.4 O império romano e sua dominação na Palestina nos tempos de Jesus	54
2.5 Jerusalém e suas características políticas, religiosas e econômicas	56
2.6 A escravidão na Palestina nos tempos de Jesus	63
2.7 Os escravos Judeus עֶבֶד- 'Ebed	64
2.8 Os escravos pagãos δοῦλος	72
3. Análise hermenêutica de Mt 20.20-28	77
3.1 Contexto e ambiente do Evangelho de Mateus	77
3.2 O Evangelho de Mateus, os marginalizados e o kerygma cristão	80
3.3 O reino de Deus como chave hermenêutica de Mt 20.20-28	82
Disposições finais	101
Referências bibliográficas	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de lançar luz e ao mesmo tempo contribuir para o debate do tema nas Sagradas Escrituras, para que se possa atentar ao tema da “escravidão” que na Palestina no tempo de Jesus era uma instituição reconhecida e “legalizada”.

É importante ressaltar a ausência de artigos científicos sobre o tema da escravidão cujo foco é o ambiente do NT e em especial se tratando dos Evangelhos, lamentavelmente existe uma escassez de material sobre o tema.

Jesus de Nazaré seria “sujeito de seu tempo” como afirmam alguns, e, não enxergava o tema da escravidão como um problema ético? Com este pressuposto observamos de maneira lamentável as barbáries que “cristãos” que utilizavam as Escrituras como instrumento de domínio e opressão, fizeram no decorrer de vários séculos, tanto na Europa quanto nas Américas.

A análise deste trabalho a partir da narrativa de Mt 20.20-28, parte da hipótese de que Jesus não tão somente tem uma visão clara desta categoria de marginalização e desumanização, como também tem uma posição clara sobre o tema da escravidão.

Jesus apresenta o “*modus vivendis*” de todo cidadão e cidadã da “sociedade alternativa” que foi inaugurada, anunciada, ensinada pelo

próprio Jesus. Existe a possibilidade de uma vida fraterna, justa, solidária e livre para esta “nova criação”.

O texto percorre alguns caminhos para chegar ao resultado proposto, que são: objetivos gerais e objetivos específicos.

- O objetivo geral da pesquisa é: a partir de um trabalho exegético onde se procura extrair do texto, se Jesus tem algum paradigma sobre a instituição da escravidão, entende-se que o tema era algo “normal” no século I d.C., mesmo que atualmente é tido como um grave problema ético e criminal.
- O objeto específico da pesquisa é: fazer uma análise exegética da narrativa de Mt 20.20- 28, utilizando como ferramenta o “Método Histórico-crítico”. Analisar o ambiente sociorreligioso da Palestina no tempo de Jesus com um olhar voltado especificamente para o tema da “escravidão”. Ter como chave hermenêutica o “reinado de Deus” como uma opção de sociedade alternativa, partindo da reflexão da TMI.¹ como princípio interpretativo e prático para o querigma da fé cristã.

A narrativa do Evangelho segundo Mateus, apresenta a medida em que Jesus e seus discípulos rumavam para Jerusalém, além, de ambientes hostis a eles, também, temas que estavam diametralmente opostos aos princípios do “reinado de Deus” e com isso, surgiam tensões entre os discípulos que compunham o grupo que seguia a Jesus.

No caminho Jesus intervém, para redimir concepções e anseios equivocados do grupo de discípulos, especialmente no tocante ao que eles pressupõem até então sobre o Reino de Deus e tudo o que envolvia este tema.

¹ “Como TMI entende-se, Teologia da Missão Integral”. Uma reflexão como pressuposto de chave hermenêutica o ‘reino de Deus’, ou ‘reinado de Deus’, reflexão oriunda do campo cristão Evangélico-Protestante Latino-Americano. Semelhante em alguns aspectos a Teologia da Libertação.

Uma concepção equivocada acerca de um tema que essencialmente nos Evangelhos Sinóticos faz parte dos ensinamentos de Jesus, acarretaria certamente em sérios danos a continuidade da comunidade cristã.

Obviamente que é necessário fazer uma pesquisa do ambiente sociorreligioso no século I desta era, a fim de poder se aproximar o máximo possível da cultura, religião e com isto da legislação que era vigente na Palestina do primeiro século.

Nesse sentido é possível como consequência ter um olhar sobre esta categoria de “gente” marginalizada e desumanizada, denominada “escravo”.

O primeiro capítulo do texto é uma análise exegetica a partir do método histórico-crítico, onde se procura ler cuidadosamente a perícopes de Mt 20.20-28, a fim de que não ocorra uma interpretação equivocada e muito menos tente dar “voz” ao texto Sagrado que ele em si mesmo não o faz.

Para que isso ocorra, existe uma ênfase na gramática do texto e no contexto histórico, reconhecendo que há uma distância temporal entre o intérprete e o texto Sagrado. O intuito é identificar o que o autor, texto de Mt 20.20-28 e contexto tem a dizer e se tem algo a dizer sobre o tema da escravidão.

O segundo capítulo do texto pretende fazer um levantamento do ambiente sociorreligioso e econômico da Palestina no tempo de Jesus, que era uma terra dominada pelo império romano.

Ainda neste capítulo, será abordado em princípio o tema da escravidão, respeitando a historicidade literária que envolve todo o contexto do povo de Israel que acontece em milênios.

Nesse sentido, a análise do tema da escravidão parte da apresentação da legislação que existia em torno desta instituição, o que os legisladores no decorrer da história entenderam e legislaram a este respeito. É abordado alguns paralelos legais de “nações” contemporâneas a fim de captar qual era o impacto e como os israelitas enxergavam a respeito da escravidão.

A escravidão era mais do que apenas um cerceamento de liberdade individual na Palestina, era um meio econômico e para entender os

impactos é apresentado no texto o ambiente social que vigorava no primeiro século. Onde se situava o escravo neste contexto e quais os elementos que poderiam levar pessoas a se tornarem escravos.

A Palestina não era no primeiro século um território independente, era um povo dominado, subjugado e espoliado e altamente taxado pelo império romano, com este cenário contrário, obviamente existia sequelas sociais profundas, ocasionando um drástico empobrecimento da população, que levaria a enormes danos colaterais para as camadas mais baixas da sociedade.

Mesmo com esta dominação romana, Jerusalém, possuía suas características políticas, religiosas e econômicas, ainda que uma minoria, existiam pessoas abastadas que se privilegiavam com este “modelo” de sociedade.

O segundo capítulo por fim, apresenta o conceito de escravo e escravidão na Palestina no tempo de Jesus.

Nesse sentido, é analisado a partir da legislação e de um contexto social os tipos de escravos que existiam. Em primeiro lugar os “escravos judeus” ‘עֶבְרָאִי’ quais as condições e oportunidades que eles tinham na Palestina do tempo de Jesus. E é analisado também, os “escravos pagãos” δούλος, esta categoria teria poucas alternativas legais e com isso, quase nenhuma proteção do ponto de vista humanitário no ambiente em que Jesus viveu.

O terceiro capítulo do texto se inicia a partir da análise hermenêutica, da narrativa de Mt 20.20-28. Para ser mais efetivo, é observado o contexto e o ambiente do Evangelho segundo Mateus, partindo do pressuposto de uma comunidade cristã em conflito com o grupo remanescente dos judeus pós destruição de Jerusalém pelos romanos, quais as implicações e desafios que a jovem comunidade cristã mateana enfrentava.

O Evangelho segundo Mateus, tem suas características próprias e o texto observa e lança luz, pois, entender sobre os marginalizados e o Kerygma cristão na tradição mateana, faz toda a diferença para uma leitura hermenêutica capaz de incluir e equalizar a leitura cristã atual.

Por fim, o terceiro capítulo tem o seu desfecho utilizando o tema do “Reino de Deus”, na narrativa de Mt 20.20-28, elencando o que cada

versículo desta narrativa aplica para a comunidade mateana e consequentemente sinalizando para as comunidades cristãs atuais.

É importante ressaltar que o tema da escravidão no mundo das Sagradas Escrituras e especialmente na Palestina no tempo de Jesus, diverge do conceito contemporâneo. Onde o primeiro tratado internacional proibindo a escravidão, firmado pela Liga das Nações Unidas (antecessora da ONU), data de 1926, e define escravidão como “o estado e a condição de um indivíduo sobre o qual se exercem, total ou parcialmente, alguns ou todos os atributos do direito de propriedade”. Atualmente o termo passou a significar uma variedade maior de violação dos direitos humanos e é severamente combatido pelo direito internacional, que não contempla exceções.²

Nesse sentido, vale apontar que a proibição da escravidão é absoluta no Direito Internacional dos Direitos Humanos, no qual utiliza-se do termo “condição análoga a de escravo”, isto, diferencia significativamente o contexto da escravidão no tempo de Jesus. Obviamente, que independente de qual seja o conceito, esta “instituição” é uma violação a dignidade humana.

O texto, como se trata de uma análise bíblica do NT especificamente, não levantará maiores elementos contemporâneos, porém, tem como objetivo, ratificar a luz das Sagradas Escrituras um grande problema ético.

2 FIGUEIRA. R. R.; GALVÃO. E. M.; PRADO. A. A.; Privação de Liberdade ou Atentado a Dignidade: Escravidão Contemporânea. p. 53. Rio de Janeiro. Mauad x. 2013.

1. ESTUDO HISTÓRICO-CRÍTICO DE MT 20.20-28

Esta obra se inicia com uma análise exegética utilizando o método histórico-crítico, onde se apresentará as fontes históricas, analisando estas mesmas fontes dentro de uma perspectiva de evolução histórica, procurando determinar os diversos estágios da sua formação e crescimento, até terem adquirido sua forma atual, se interessando pelas condições históricas que geraram essas fontes.¹

Na atualidade, o método caracteriza-se sobretudo, por ser eminentemente racional e insistentemente questionador. Fundamentando-se nos seguintes pressupostos: 1. *A crítica*. Este pressuposto sustenta que no campo histórico não existem juízos absolutos, mas somente juízos prováveis. 2. *A analogia*. O pressuposto da analogia é essencial para possibilitar a crítica histórica, segundo a analogia, a facticidade histórica de fenômenos é tanto maior, quanto maior for a concordância entre estes e outros fenômenos facilmente aceitáveis e verificáveis. 3. *A correlação*.

¹ WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia. São Paulo: Paulus - Sinodal. 2002. p. 17. Há, inclusive, uma dissertação de mestrado que trata desta perícopa: PEREIRA, E. O Poder-serviço no Reino de Deus. Uma leitura das relações interpessoais em Mt 20.20-28. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2012.

Este pressuposto entende que todos os fenômenos se encontram em relação de dependência mútua.²

Uma análise exegético-hermenêutica séria, é importante porque se trata de “Palavra de Deus em palavras humanas”, e com isso, tentar se fazer compreender e deixar que a Bíblia fale aos homens.³

Nesse sentido a análise exegética tenta lançar luz a partir da narrativa de Mt 20.20-28, no tema da “escravidão” e se Jesus de Nazaré teria algo a dizer sobre esta categoria presente na Palestina em seu tempo e ambiente.

Esta obra se propõe a tentar extrair, como um bom trabalho exegético aponta, chegar o mais próximo possível à mentalidade e contexto do mensageiro e do hagiógrafo das Sagradas Escrituras, no evangelho segundo Mateus.

Segue-se um roteiro rígido a fim de possibilitar que o trabalho exegético apresente o ponto central da proposta da obra.

É utilizado o texto científico grego Nestle Aland 27ª edição⁴, onde o autor parte de uma tradução pessoal literal da narrativa.

O processo de delimitação da obra se dá situando a perícopre anterior Mt 20.17-19 e posteriormente apresenta a delimitação da narrativa de Mt 20.20-28, significando que o texto tem começo, meio e fim. Em sequência, a delimitação é elencada a perícopre posterior Mt 20.29-34.

O texto é “desmontado”, se faz necessário para que nossa capacidade de compreensão não seja “iludida”.⁵ Com isso, analisa-se sob o aspecto frasal.

O passo seguinte é o que se chama de “crítica textual”, esse trabalho é necessário porque aproximadamente 1500 anos o Novo Testamento foi copiado à mão em papiros e pergaminhos, e, não há concordância

2 Ibid. WEGNER. p. 18.

3 SILVA, C. M. D. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas. 2000. p. 12.

4 ALAND, N. *Novum Testamentum Graece*. 27. Revidierte Auflage. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

5 Ibid. SILVA. p. 84.

perfeita entre eles, por esta razão esta parte se debruça em analisar a perícope e as concordâncias existentes ou não entre as cópias.⁶

Após a crítica textual, trabalha-se a “estruturação do texto”, com o texto segmentado dá-se atenção especial aos atores da narrativa.

Uma vez definida as estruturas, apresenta-se a “análise da macroestrutura” da narrativa (perícope), onde se analisa como os vários blocos ou sequências se relacionam entre si.⁷

Feito isto, o próximo passo apresentado é chamado de “análise lexicográfica”, onde o vocabulário utilizado pelo hagiógrafo, nos permite conhecer a teologia utilizada do autor e chegar a conclusões sobre a tradição e a redação do texto.⁸

Uma vez apresentado o vocabulário do texto, cabe analisar o modo como esse vocabulário é articulado, com isso, é feito a “análise sintática”.⁹

A leitura é feita sob o aspecto diacrônico, sendo a etapa seguinte do trabalho exegético a “crítica literária”. Esta se propõe a refazer o processo de formação literária, por meio da construção das etapas anteriores à redação final. Ainda neste processo, identifica-se a esta narrativa os “paralelismos”, a “tradição das palavras” ou o “dito eu” e o “Contexto Vital (*Sitz-im-Leben*).

Por fim, as etapas analisadas do trabalho exegético são: a “Crítica da Tradição”¹⁰, que se trata do estudo das tradições orais e dos estágios da composição de um texto.¹¹ Seguindo adiante a obra apresenta a “Crítica da redação”, cujo objetivo é estudar as modificações que o redator

6 PAROSCHI, W. Crítica Textual do Novo Testamento. P.12. Vida Nova. 2010.

7 Ibid. SILVA. p. 118.

8 Ibid. SILVA. p. 127.

9 Em relação à análise sintática, bem como a análise do vocabulário serão desenvolvidas a partir do estudo das seguintes obras: DANKER, F. W.; GINGRICH, F. W. Léxico do NT Grego/Português. São Paulo: Vida Nova. 2004. HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V. Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus-Apocalipse. São Paulo: Hagnos-Targumim. 2009. METZGER, B. M.; PINTO, C. O. C. Estudos do vocabulário do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova. 1996. RUSCONI, C. Dicionário do Grego do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2003.

10 Nome adotado pelo autor, porquanto há discussões sobre o termo.

11 Ibid. SILVA. p. 242.

final introduziu em sua obra. Esta defende que os autores bíblicos são verdadeiros autores, que selecionaram, modificaram e organizaram o material proveniente da tradição, acrescentaram (criaram) novos textos e estabeleceram uma estrutura geral da obra, deixando patente seu estilo, suas habilidades literárias, sua teologia, seu Contexto Vital/*Sitz-im-Leben* (do autor, não do Gênero Literário).¹² A etapa final se dá na apresentação dos contextos menor, maior e integral. Preparando a narrativa para a aplicação da leitura hermenêutica.

1.1 TRADUÇÃO

Seguem o texto grego¹³ e a tradução¹⁴:

20- Τότε προσῆλθεν αὐτῷ ἡ μήτηρ τῶν υἱῶν Ζεβεδαίου μετὰ τῶν υἱῶν αὐτῆς προσκυνούσα καὶ αἰτοῦσά τι ἀπ' αὐτοῦ.

21- ὁ δὲ εἶπεν αὐτῇ· τί θέλεις; λέγει αὐτῷ· εἶπε ἵνα καθίσωσιν οὗτοι οἱ δύο υἱοὶ μου εἰς ἐκ δεξιῶν σου καὶ εἰς ἐξ εὐωνύμων σου ἐν τῇ βασιλείᾳ σου.

22- ἀποκριθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· οὐκ οἶδατε τί αἰτείσθε. δύνασθε πιεῖν τὸ ποτήριόν ὃ ἐγὼ μέλλω πίνειν; λέγουσιν αὐτῷ· δυνάμεθα.

23- λέγει αὐτοῖς· τὸ μὲν ποτήριόν μου πίεσθε, τὸ δὲ καθίσαι ἐκ δεξιῶν μου καὶ ἐξ εὐωνύμων οὐκ ἔστιν ἐμὸν [τοῦτο] δοῦναι, ἀλλ' οἷς ἡτοίμασται ὑπὸ τοῦ πατρὸς μου.

¹² Ibid. SILVA. p. 256.

¹³ Foram utilizadas duas edições que contém a versão grega, primeira, ALAND, n. *Novum Testamentum Graece*. 27. Revidierte Auflage. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001; segunda, NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR. Grego-português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

¹⁴ Foram consultadas as seguintes bíblias em língua portuguesa para se chegar à tal proposta de tradução: BÍBLIA ALMEIDA ARA. São Paulo: Vida Nova. 2005. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus. 2002. BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus. 2021.

24- Καὶ ἀκούσαντες οἱ δέκα ἠγανάκτησαν περὶ τῶν δύο ἀδελφῶν.

25- ὁ δὲ Ἰησοῦς προσκαλεσάμενος αὐτοὺς εἶπεν· οἴδατε ὅτι οἱ ἄρχοντες τῶν ἔθνων κατακυριεύουσιν αὐτῶν καὶ οἱ μεγάλοι κατεξουσιάζουσιν αὐτῶν.

26- οὐχ οὕτως ἔσται ἐν ὑμῖν, ἀλλ' ὅς ἐάν θέλῃ ἐν ὑμῖν μέγας γενέσθαι ἔσται ὑμῶν διάκονος,

27- καὶ ὅς ἂν θέλῃ ἐν ὑμῖν εἶναι πρῶτος ἔσται ὑμῶν δοῦλος·

28- ὡσπερ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἦλθεν διακονηθῆναι ἀλλὰ διακονῆσαι καὶ δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ λύτρον ἀντὶ πολλῶν

20- Então se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu com os seus filhos, e prostrando-se lhe fez um pedido;

21- E ele lhe disse: O que você deseja? Ela lhe disse: Diga que estes meus dois filhos se assentem um a tua direita e o outro a tua esquerda em seu Reino;

22- E respondendo Jesus disse: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu vou beber? Disseram eles: podemos.

23- Ele disse: “O meu cálice beberei, mas o sentar à direita e à minha esquerda não me compete isto, mas para aqueles que meu Pai preparou;

24- E ouvindo os dez, ficaram indignados com os dois irmãos;

25- Jesus chamando-os disse: “Sabeis que os líderes das nações as dominam e os grandes as tiranizam.

26- Entre vós não será assim, mas quem quiser se tornar grande, será vosso servo.

27- E entre vós quem quiser ser o primeiro, será vosso escravo.

28- Assim como o filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida dele em resgate no lugar de muitos.

1.2 DELIMITAÇÃO

A perícopre anterior à Mt 20.20-28, é o terceiro anúncio da paixão (cf. Mt 17-19), onde a delimitação é bem clara, começando com uma referência geográfica: Quando estavam para subir para Jerusalém, ele